PUC
RIO

LETÍCIA NOBRE

"BRINCANDO,BRINCANDO,O SUJEITO VAI FALANDO"
- CONSIDERAÇÕES SOBRE O JOGO DA-NA PSICÁNALISE -

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RIO DE JANEIRO, JANEIRO, 1990

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Chamada: 150 / N754 /TESE UC
Título: "Brincando, brincando O sujeito vai fal
0 0 4 4 0 0 3
Ex: 1-CENTRAL 2346

LETÍCIA NOBRE

"BRINCANDO, BRINCANDO. O SUJEITO VAI FALANDO"
- CONSIDERAÇÕES SOBRE O JOGO DA-NA PSICANÁLISE -

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA PUC/RJ COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ORIENTADORA: MARIA HELENA NOVAES MIRA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, JANEIRO DE 1990

UC 3-366-1

BC/d

PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
3745
BIBLIOTECA
01/10/90
RIO DE JANEIRO

44003

150
N754
TESE UC

Aos meus pais, que me introduziram nesse eterno jogo de ser ou não ser possível.

Ao Felipe, à Lú e aos amigos, companheiros do jogo da vida, que sempre acreditaram ser possível.

À Maria Helena, que com sua paciência e atenção, me fez acreditar que seria possível.

AGRADECIMENTOS

- Ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, especialmente à querida Verinha.
- Ao CNPq, pela bolsa de estudos.
- À Maria Helena Novaes Mira, pela dedicação como orientadora.
- À Circe Navarro Vital Brazil, pelo prazer de ter sido sua aluna.
- À José Otávio Naves, pelo carinho com que se dispôs a participar da apresentação deste trabalho.
- À Maria Cristina Vidal, pela escuta cuidadosa de minhas questões.

RESUMO

Através do estudo do jogo simbólico na prática psicanalítica com crianças, objetivou-se traçar considerações e desdobrar questionamentos sobre tal prática, tão amplamente difundida e, por tantas vezes, desvirtuada em seus principais fundamentos teóricos e éticos.

Jogo *da* análise. Jogo *na* análise.

Analisando exemplos clínicos, utilizou-se os referenciais teóricos de Freud, Winnicott e Lacan como orientadores dessa investigação, destacando suas especificidades de interpretação, pontos convergentes e divergentes.

Concluiu-se, assim, que a criança em análise é, fundamentalmente, *um sujeito que fala e brinca no exercício de sua constituição*.

Espera-se que tais subsídios sirvam como ponto de partida para todos aqueles que se interessem pelo tema, auxiliando-os a repensar sobre a função do jogo na análise com crianças e o lugar do analista neste jogo.

RESUMÉE

Au travers de l'étude du jeux symbolique, avec des enfants en thérapie psychanalytique, il a éte établi comme objectif de considérer et de développer les questions relatives à une pratique, si souvent défendue mais aussi,si souvent dénaturée dans ses principes théoriques et étiques.

Jeux *de* l'analyse, jeux *dans* l'analyse.

Pour l'étude des exemples cliniques, il a été utilisé, les references théoriques de Freud, Winnicott et Lacan, orienteurs de cette investigation, mettant en évidence leurs particularités d'interprétation, de convergence et de divergence.

Ainsi, il en a été déduit, que *l'enfant en analyse est fondamentalement un sujet qui parle et jove* dans l'exercice de sa constitution.

Nous espérons que de tels recours servent de point de départ á tous ceux interessés par ce thème, les aidant a reconsidérer, la fonction du jeux avec des enfants en analyse, la place de l'analyste dans ce jeux.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO. 1

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 6

1 - O Jogo da Constituição do sujeito . . 6

2 - A Análise do Objeto 12

O objeto da Análise. . . . 12

O objeto na Análise. . . . 12

2.1 - Se "fort", "da" - o objeto em Freud 14

2.2 - Nem lá nem cá - o objeto em Winnicott 23

CAPÍTULO II - O JOGO DA ANÁLISE 35

1 - Em jogo: a Transferência 35

CAPÍTULO III - O JOGO NA ANÁLISE. 47

1 - O Jogo e a Análise com Crianças . . . 47

2 - O Jogo das Bolas de G(r)ude - Estudo de caso ilustrativo. 60

CONCLUSÕES. 70

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. 75

NOBRE, Leticia. Brincando, brincando, o sujeito vai falando, Rio. PUC - Tese de mestrado em 4 - Janeiro 1995

INTRODUÇÃO

> Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza".
>
> (Huizinga, (23) p. 7)

De início, um susto.

Primeira sessão marcada, caixa de brinquedos completa, "super-visão" em dia. Tudo cuidadosamente pré-visto e acertado. Tudo em "perfeita" ordem se não fosse esse o meu primeiro atendimento ainda como estagiária do Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Santa Úrsula (1983), e especialmente, se não fosse tal cliente (menino de 10 anos na época), sujeito tão "rebelde" e criativo.

Abrindo mão de todos os brinquedos que lhe haviam sido sugeridos, esse menino coloca em jogo o apriori da técnica, se lançando(me) ao desconhecido, ao inventivo, ao novo.

Traça seu percurso na análise através de abundante produção de "monstros" de papel (os quais deixa todos juntos à minha cadeira no último dia de sua análise), de jogos (que, na maioria das vezes, ele próprio inventava) e de "novidades" que sempre tinha para contar.

Mas, como seria possível atender uma criança em análise sem fazer uso da ampla variedade do material

lúdico tradicionalmente exigida?![1]

O quê até então havia se constituído como uma certeza, tornava-se uma questão.

Como não tomar a caixa de brinquedos como objeto fundamental da Psicanálise com crianças? O que fazer agora que todos os "carrinhos" e todos os outros "objetozinhos" haviam sido deixados de lado, restados num canto de sala qualquer?!

De que forma conduzir a análise desse menino que, provavelmente, ainda mais ao perceber meu espanto, criava novas estórias, inventava mais e mais jogos, construía enfim?!

Passado o susto inicial, ia constatando no dia-a-dia dos atendimentos e supervisões do estágio que a utilização ou não da caixa de brinquedos como recurso técnico referia-se na verdade a diferentes posicionamentos teórico-clínicos.

Assim, se para alguns analistas a caixa de brinquedos constituía-se como pré-requisito básico para o atendimento de crianças, para outros seu uso se dava de modo meramente contingencial, dependendo de cada criança e do próprio momento do curso de sua análise.

Era hora, então, de ir buscar fundamentos teóricos que me ajudassem a compreender mais sobre o uso da Psicanálise com crianças e a função que o brincar aí desempenha, já que começava

---

1 Uma breve história do uso do material lúdico no atendimento clínico de crianças será apresentada no Capítulo III.

a acreditar que algo de sério e significante sempre se produz em todo brincar de uma criança em análise.

Como em todo jogo, onde é fundamental que seja estabelecido desde o início um código comum entre os participantes para que o jogo se dê, também aqui gostaria logo de ressaltar um importante código de leitura, antes mesmo de dar prosseguimento a essa introdução:

- estarei usando, de forma indiscriminada, durante o texto, os termos *brincar* e *jogar*, considerando-os, portanto, equivalentes para os fins desse trabalho.

- já para o termo *brinquedo*, destinarei sempre a conotação de objeto, dessa alguma coisa que resta toda vez que um jogo simbólico é instituído.

A fim de tornar mais claro o que estou ressaltando (o que na verdade, espero que se dê melhor no próprio desenvolvimento do trabalho), tomo um pequeno trecho do livro de Circe N. Vital Brazil, onde ela coloca com especial exatidão:

> "No ato de jogar, o sujeito se inclui no jogo e, por isso, ele vai inventar-se. O brinquedo é apenas instrumento,pretexto. O próprio sujeito enquanto jogante, vai-se dispor a jogar. É essa disposição,ato livre do sujeito, que permite que ele se crie e recrie." (3)(p. 106-7)

É nessa direção, portanto, que estarei guiando minha compreensão sobre o jogo na Psicanálise - o jogo enquanto fértil terreno simbólico que se oferece sob "forma significante" (Huizinga, p. 6) ao sujeito, conduzindo-o ao fascínio da

invenção e ao domínio da lei.

O jogo ao mediatizar a relação de um a um outro, funda-se não só como intervalo de prazer e apreensão mas, principalmente, como um espaço sério e mesmo sagrado na construção singular da história de cada sujeito.

Parece interessante observar que, sob tal perspectiva, é a singularidade daquele que joga o que há de mais importante, e não exatamente o conteúdo do jogo em si. Mas retornaremos a esse ponto mais adiante. Por enquanto, assinalo o seguinte trecho que também encontra-se em Circe Vital Brasil e que se refere a tal questão:

> "A atividade de simbolizar em jogo permitiu à criança produzir o seu próprio texto relativo à sua história. . Essa sua produção de significação no jogo está referida ao contexto social, mas comporta uma expressão individual."(3) (p. 105)

Como havia colocado anteriormente, a partir do (des) encontro com o "rebelde" menino, o novo e as constantes surpresas moviam-me na direção de buscar compreender melhor sobre a função do brincar na Psicanálise com crianças. Com isso, cheguei inevitavelmente a Freud, Winnicott e Lacan, onde encontrei fundamentos para grande parte de minhas questões.

Durante o caminho, fui percebendo a importância de ir traçando ainda duas outras rotas paralelas:

- uma, sobre o próprio jogo da constituição do su

jeito e do objeto.

- e outra, sobre a transferência, tomada como o próprio jogo da análise, e o quê do sujeito e do objeto encontra-se aí em jogo.

Um tanto de caminho percorrido, um tanto de dúvidas ultrapassadas.

O suporte teórico parecia dar conta agora do desconhecido da clínica. O saber todo até parecia possível.

E, de novo, um menino. Outro menino, outro jogo - o jogo das bolas de g(r)ude, metáfora de sua lei e de seu desejo.

E, de novo, um susto.

> "Tanto o feiticeiro como o enfeitiçado são ao mesmo tempo conscientes e iludidos. Mas um deles escolhe o papel do iludido."
>
> (Huizinga, (23) p. 7)

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 - O Jogo da Constituição do Sujeito

> "A linguagem é uma pele: esfrego minha linguagem no outro. É como se eu tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras."
>
> (Barthes, 1977 (2) p. 64)

Que jogo é esse o da constituição do sujeito? Que sujeito encontra-se aí em jogo?

Se escolhemos a Psicanálise como referencial teórico básico, estaremos, inevitavelmente, atribuindo ao jogo simbólico a função constituinte fundamental do sujeito. Tal articulação entre jogo simbólico e sujeito expressa-se, por exemplo, na seguinte colocação de Lacan:

> "O jogo do símbolo representa e organiza em si mesmo, independentemente das particularidades de seu suporte humano, este algo que se chama um sujeito."
>
> (1954-5 (30) p. 243)

Mas, afinal, o que é "um sujeito" para a Psicanálise? O que marca sua especificidade?

Freud, ao enunciar o inconsciente como essa outra cena inaugurada pela presença faltosa do objeto, inverte (e perverte) a ordem natural dos acontecimentos, produzindo uma ruptura jamais reconciliável com o saber psicológico (e biológico) da época. O homem, aquele ser tão inteiro e inabalável em seu saber, estará para sempre destituído de sua (suposta) plenitu

de, que parecia preencher e garantir tranqüilidade à sua existência. Lançado ao eterno risco de ir em busca de sua verdade, o sujeito será esperado agora como porta-voz de um enigma, jogador de seu destino, cúmplice de sua angústia.

Se, até então, o inconsciente era visto apenas como uma qualidade oposta ao consciente, adquire a partir do pensamento freudiano o status de um sistema organizado, dotado de uma lógica e estrutura próprias.

Interessante observar o seguinte comentário de Lacan sobre a novidade freudiana:

> "O inconsciente freudiano nada tem a ver com as formas ditas do inconsciente que o precederam, mesmo as que o acompanhavam, mesmo as que o cercam ainda. O inconsciente de Freud não é de modo algum o inconsciente romântico da criação imaginante. Não é o lugar das divindades da noite." (1964, (31) p. 29)

O inconsciente recebe, então, uma posição bastante original no pensamento freudiano, auxiliando também em retratar o sujeito da Psicanálise como esse (falta-a) ser do desejo, separado de sí mesmo, distanciado de suas próprias produções (inconscientes), assaltado em sua certeza.

O eu e o sujeito passam a pertencer, agora, a campos inteiramente discriminados, apresentando-se este último cindido em sua constituição e, portanto, radicalmente diferenciado do ser todo da Psicologia.

Em relação ao *Eu*, Lacan coloca:

> "Eu é um termo verbal, cujo uso é aprendido numa certa referência ao outro, que é uma referência falada. O *eu* nasce em referência ao *tu*." (1953-4, (29) p.193)

Devido a essa cisão inaugural, o inconsciente se apresentará como um dos pilares fundamentais do jogo da constituição do sujeito, sendo o desejo e a linguagem os dois outros elementos que, ao se articularem todos, estabelecerão o campo psíquico para que tal jogo se dê.

Observando, então, a articulação entre esses três elementos - inconsciente, desejo e linguagem - teremos maior possibilidade de perceber o que se passa, em termos gerais, nessa tão particular situação da vida psíquica de um sujeito.

Vale ressaltar, antes mesmo de prosseguirmos, que, para os fins desse trabalho, será sempre a forma de estruturação do sujeito pela *neurose* que estará sendo aqui apresentada, ficando portanto para uma outra ocasião o estudo teórico-clínico da psicose e da perversão, enquanto as duas outras possibilidades de estruturação psíquica.

Mas, ao retornarmos à questão do jogo, veremos que é fundamental ao sujeito em sua constituição que um outro se apresente a ele disposto a jogar, oferecendo-se inicialmente como uma primeira imagem totalizada, com a qual ele irá se identificar.

A essa situação, que se inaugura pela identificação da criança à imagem do outro, Lacan se refere como o "estádio

do espelho."[1]

Assim, através da identificação primordial da criança com a imagem totalizada do outro, ela poderá ir reconhecendo e demarcando os limites de seu próprio corpo, substituindo a fantasmática experiência de despedaçamento que vivia até então.

Interessante notar que, ao se identificar imaginariamente ao outro, a criança estabelece uma relação imediata com essa imagem, se alienando e se deixando capturar por ela.

Tal relação irá ser progressivamente mediatizada pela linguagem, no próprio decorrer do jogo simbólico.

Mas, antes de continuarmos acompanhando o percurso da estruturação do sujeito, observemos o que Lacan coloca, com especial clareza, em relação a esse "momento":

> "Se o jogo é valorizado para a criança, é porque constitui o plano de reflexão sobre o qual ela vê manifestar-se no outro uma atividade que antecipa a sua, pelo fato de que é, ainda que pouco, mais perfeita, mais bem dominada, que a dela, a sua forma ideal. Esse objeto é, a partir de então, valorizado."
> (1953-4, (29) p. 204)

Obviamente, ao que bem parece, não é ao objeto em si a que Lacan aqui se refere, mas sim sua função enquanto imagem presentificada da ausência do outro, apontando, portan

---

1 O tema do estádio do espelho é apresentado por Lacan pela primeira vez em 1936 e retomado em 1949, por ocasião do XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique. Desta conferência resulta o seu conhecido texto "O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nós é revelado na experiência psicanalítica".

to, para um campo simbólico de representações.

Assim, faz-se importante lembrar que a criança, mesmo que não disponha ainda de uma função simbólica própria, recebe desde sempre marcas simbólicas que a constituem, representadas inicialmente pelos significantes maternos. A criança se identifica, então, a esses significantes, procurando estabelecer para si própria a condição de ser o desejo do desejo da mãe, oferecendo-se para completá-la e satisfazê-la.

Tal situação de completude imaginária receberá sua devida interdição através do próprio discurso da mãe que, ao dirigir seu olhar a outros interesses que não exclusivamente à criança, apresentará um terceiro termo intermediador e interditor (a ambas) dessa situação. Nesse sentido, a função paterna intervém, promovendo na criança um reconhecimento do campo simbólico, da lei e da cultura.

A criança, então, que num outro tempo se oferecera como objeto fálico à mãe, se depara agora com a impossibilidade de completá-la, se deparando também com a impossibilidade de encontrar um objeto que lhe traga de volta a satisfação imaginariamente vivida.

De falta em falta desliza, então, o sujeito, tentando recobrir com palavras a marca tão presente da ausência do objeto.

Emergência da palavra, morte da coisa. Contradição insuperável da condição humana: eu e sujeito irrevogavelmente distanciados, palavra e coisa jamais recobertas.

Se o eu está, está o ocultamento, o engano, o engodo do sujeito. Palavra meio-dita. Verdade mal-dita.

Se está o sujeito, a palavra é mal-dita (porque diz) e o ato é falhado (porque exita). Fadado a expressar esse "mal-dito" desejo que se revela para além do eu, no campo simbólico inconsciente e que retorna, disfarça e retorna. Aí está o sujeito. Até o fim.

> "O inconsciente é esse capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser reencontrada: o mais das vezes ela já está escrita em algum lugar."
>
> (Lacan, 1953, (29) p. 124)

2 - A Análise do Objeto

O Objeto *da* Análise

O Objeto *na* Análise

Se, como havia apontado na Introdução desse trabalho, é significativa a diferença existente entre a brincadeira e o brinquedo (este, enquanto objeto, a primeira, enquanto jogo), por quê me interessaria aqui traçar considerações sobre o *objeto*, esse elemento que é resto numa equação simbolicamente realizada?

Deveríamos supor, então, que é o brinquedo mesmo o objeto essencial da (ou na) análise de uma criança? Certamente que não.

Retomado com ênfase por Lacan, o tema do objeto é trabalhado de forma bastante específica e freqüente dentro da teoria freudiana.

Ao discriminar o objeto humano (atribuindo-o ao campo do desejo) do objeto natural (atribuindo-o ao campo da necessidade), Freud produz um corte na história do pensamento psicológico, subvertendo a ordem científica estabelecida até então.

Com a novidade do inconsciente, Freud desloca o saber racional do homem, subordinando-o à verdade de seu desejo (inconsciente).

Assim, num só golpe (narcísico, como ele mesmo diz)[1], sujeito e objeto acedem a um novo estatuto, a partir da inauguração da Psicanálise, constituindo-se numa assimetria para sempre inconciliável.

O sujeito, esse errante des-conhecido que vive e erra em busca de satisfação.

O objeto, esse nada de nada que é resto de uma satisfação jamais (re) encontrada.

Sujeito e objeto - elementos heterogêneos e referentes, que se destacam e se misturam na vã tentativa de uma comunhão impossível.

Qual seria, assim, o objeto *da* análise? E sua função *na* análise?

Tomando Freud, exploraríamos melhor tais questões. Tomando Winnicott, encontraríamos uma novidade no estudo de tal tema.

Portanto, quer em termos clínicos, quer em termos teóricos, o objeto recebe aqui o seu devido lugar de atenção que não é o de presença, mas o de ausência que é causa.

---

1 Em seu texto "Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise" (1917), Freud descreve os três golpes narcísicos sofridos pelo homem.

2.1 - Se "fort", "da" - o objeto em Freud

> "Ora o objeto metonímico é presença (gerando a alegria); ora ele é ausência (gerando a tristeza). De que depende então minha leitura? Se penso estar a ponto de transbordar, o objeto será favorável; se me vejo abandonado, ele será sinistro."
>
> (Barthes, 1977, (2) p. 155)

Na verdade, o objeto (ou a falta dele) é um tema formulado e reformulado por Freud em diversas ocasiões, podendo ser estudado em vários de seus textos.

Como para os fins desse trabalho meu objetivo maior residia em traçar algumas considerações sobre o jogo(da) na Psicanálise com crianças, interessei-me pela possibilidade de articular essas duas importantes questões - a do jogo e a do objeto.

Para tanto, dois textos de Freud apresentaram-se como fundamentais: "O poeta e a fantasia" (1908)[1] e "Mais Além do Princípio do Prazer" (1920).

Em tais textos, apesar de expressarem momentos diferentes de sua obra (não apenas do ponto de vista cronológico, obviamente), podemos observar a insistência de Freud em reafirmar que o cerne do estudo do objeto consiste não no objeto em si, mas no jogo de presença-ausência que é instituído a partir de sua falta.

---

1 Publicado em português como"Escritores Criativos e Devaneio."

Assim como para a criança o que conta é o brincar (e não propriamente, o brinquedo), para Freud o que conta é localizar no próprio jogo o verdadeiro objeto de todo jogo simbólico.

Em seu texto de 1908, Freud levanta a seguinte questão:

> "Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade?!" (8) (p. 149)

Mas, se ao desenvolver essa via de pensamento, ele irá ressaltar o quanto de emoção e fantasia há na brincadeira da criança, faz questão de lembrar que, mesmo nessa circunstância, sua discriminação da realidade é mantida.

Freud aproxima, então, o brincar da criança ao fantasiar (devanear) do adulto, sendo que, especialmente no brincar, ele observa não só uma alteração da realidade insatisfatória, como também sua preservação.

Em relação à proximidade entre o brincar e o fantasiar, encontramos nesse mesmo texto:

> "Não se esqueçam que a ênfase colocada nas lembranças infantis da vida do escritor - ênfase talvez desconcertante - deriva-se basicamente da suposição de que a obra literária, como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto do que foi o brincar infantil." (1908, (8) p. 157)

Afinal, a que *realidade* refere-se Freud?! Por quê

o movimento da criança ao brincar consiste em substituir por "acontecimentos" satisfatórios o que lhe estiver sendo desprazeroso?!

Certamente, não é a realidade do objeto-coisa (matéria sem sentido próprio) que encontra-se aqui em jogo, pois se a criança ao brincar *apóia-se* nos fatos do mundo real, logo dele se separa, passando a funcionar no campo do desejo. Mas deixemos o tema do desejo para daqui a pouco.

Em sua conferência XXIII (1917) Freud nos fala, através de uma expressiva metáfora, sobre a discriminação entre fantasia e realidade. Compara "o reino mental da fantasia" à uma reserva natural, região que permanece preservada das necessárias modificações introduzidas pelo desenvolvimento da agricultura e da indústria.

Ele coloca:

> "Uma reserva natural preserva seu estado original que, em todos os demais lugares, para desgosto nosso, foi sacrificado à necessidade. Nesses locais reservados, tudo, inclusive o que é inútil e até mesmo nocivo, pode crescer e proliferar como lhe apraz." (1917, (16) p. 435)

Já no seu texto de 1911 - Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental - apresenta a idéia de que, mesmo com a introdução do princípio da realidade, existe uma espécie de "atividade de pensamento" (Freud, 1911) que não passa pelo teste de realidade, permanecendo sob o domínio único do princípio do prazer.

Freud coloca:

> Esta atividade é o *fantasiar*, que começa já nas brincadeiras infantis, e posteriormente, conservada como devaneio, abandona a dependência de objetos reais." (1911, (10) p. 281)

Como sabemos, o modo mais primário de funcionamento do aparelho psíquico consiste em atividades que buscam exclusivamente a satisfação, sendo o estabelecimento do princípio da realidade (e portanto, a possibilidade de adiamento da satisfação), uma importante ocorrência em termos psíquicos.

Na verdade, a satisfação esperada não é mais possível (nem alucinatoriamente), e conteúdos psíquicos, não só agradáveis como também desagradáveis, estarão aparecendo (e, no caso do neurótico, sendo recalcados) a partir de então.

A introdução desse novo princípio de funcionamento mental não impede, porém, que uma importante área psíquica(a da fantasia, como bem coloca Freud) fique preservada de todo contato com os acontecimentos reais.

No entanto, mesmo estando à parte, a área da fantasia (ou do brincar) também encontra-se articulada à realidade, como bem afirma Freud:

> "As fantasias possuem realidade psíquica, em contraste com a realidade material, e gradualmente aprendemos a entender que, no mundo das neuroses, *a realidade psíquica é a realidade decisiva*." (1917, (16) p. 430)

Tendo isso colocado, retornemos ao tema do desejo.

Em seu mesmo texto de 1908, citado anteriormente, Freud faz a seguinte colocação:

> "O brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo - que auxilia o seu desenvolvimento - o desejo de ser grande e adulto. A criança está sempre brincando "de adulto", imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos." (8) (p.151)

Obviamente, tal colocação dá margem a diferentes interpretações, dependendo do que se compreenda pelo "desejo de ser grande e adulto."

O que a criança quer do adulto?! Talvez seja essa a questão.

No Capítulo VII de A Interpretação dos Sonhos(1900), Freud descreve o modo pelo qual o jogo do desejo é instituído.

Cena comum observar um bebê recém-nascido chorando e agitando os braços, na desesperada tentativa de afastar a fome, por exemplo, que tanto o incomoda. No entanto, a satisfação de suas necessidades nesse momento depende exclusivamente da intervenção de uma outra pessoa, que possa atendê-lo, reduzindo assim sua tensão.

Instala-se aí a primeira experiência de satisfação, que se inscreverá no aparelho psíquico como um traço de memória a ser reinvestido toda vez que novos desequilíbrios ocorrerem.

Com isso, o traço mnêmico da excitação causada pela necessidade passará a associar-se ao traço mnêmico da ex

periência da satisfação, sendo este reevocado sempre que houver qualquer situação de tensão.

O desejo, nos diz Freud, é então "um impulso psíquico que procurará recatexiar a imagem mnemônica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original." (1900, (7) . 602-3)

Portanto, é o desejo um impulso psíquico que, na tentativa de estabelecer uma situação não mais possível, move e promove o sujeito à possibilidade de sua estruturação.

O desejo, força a-moral e imortal, presentifica-se, assim, por uma ausência, fundada na satisfação jamais alcançada.

Qual é, então, o lugar do objeto no campo do desejo?

Ao contrário do objeto da necessidade - através do qual há sempre garantia de satisfação, o objeto inscrito no campo do desejo não se constitui como algo que possa ser oferecido ao sujeito para suprimir-lhe uma falta. Aqui, é o próprio objeto que falta, fazendo deslizar o sujeito na infindável busca de uma situação perdida para sempre (ou desde sempre perdida, mais precisamente falando).

Para além da ordem do tempo e das coisas, é na ordem simbólica do jogo e das palavras que o objeto do desejo se inscreve para logo em seguida escapar, irreverente à Necessidade e à Razão.

Em seu texto sobre A Denegação (1925)[1], Freud parece reapresentar o modelo da inauguração do desejo, articulando-o ao tema da realidade.

Ele coloca:

> "A antítese entre subjetivo e objetivo não existe desde o início. Surge apenas do fato de que o pensar tem a capacidade de trazer diante da mente, mais uma vez, algo outrora percebido, reproduzindo-o como representação sem que o objeto externo ainda tenha de estar lá. Portanto, o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não *encontrar* na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas *reencontrar* tal objeto, convencer-se de que ele está lá". (p. 298)

E acrescenta:

> "...é evidente que uma precondição para o estabelecimento do teste de realidade consiste em que objetos que outrora trouxeram satisfação real, tenham sido perdidos".(p. 299)

Assim, se como havia assinalado, a criança depende por um tempo da presença de um outro que a satisfaça (em termos de suas necessidades), será somente ao reconhecer a condição desse outro não estar presente nem a satisfazendo o tempo todo que ela poderá participar do jogo fundamental da presença-ausência dos objetos, acedendo ao campo simbólico do desejo e da fala.

No lugar, então, da falta do objeto, a criança irá colocar a *palavra*, meio mais específico e eficaz que ela

---

1 Publicado em português como "A Negativa".

acredita ter encontrado para trazer o objeto de volta, e assim obter (imaginariamente) a satisfação desejada.

Certamente, com Lacan, tais noções sobre o objeto, o desejo e a linguagem tornar-se-ão mais claras.

Em Freud, esse importante momento do "desaparecimento" do objeto do mundo das coisas e sua conseqüente emergência no campo simbólico exprime-se com vigor no seu texto "Mais Além do Princípio do Prazer" (1920).

Através do jogo do "Fort-Da", ele apresenta essa passagem fundamental que há que ser realizada para que o sujeito se estruture psiquicamente.

Ao observar uma criança pequena que constantemente atirava para longe todos os objetos que estivessem ao seu alcance, Freud acaba concluindo que tal atitude da criança constituía-se num jogo que ela repetia incessantemente.

Dessa forma, encontramos:

> "Acabei por compreender que se tratava de um jogo e que o único uso que o menino fazia de seus brinquedos, era brincar de ir embora com eles." (1920, (18) p. 26)

Dispondo de um carretel, a criança não escolhia brincar com ele como se fosse um carrinho, nos diz Freud, mas sim, arremessá-lo para longe, de modo que desaparecesse e em seguida, puxá-lo de volta, saudando seu reaparecimento.

Esse jogo de presença-ausência que a criança realizava com o carretel era acompanhado de dois expressivos fone

mas "o-o-o-o", para quando era lançado o carretel, e "da", no momento de seu (re)encontro com ele.

A criança pôde, então, pela dialética da presença-ausência do objeto, antecipar simbolicamente o retorno de sua mãe e sentir o prazer de reecontrá-la. Ia, assim, nomeando a ausência dolorosa da mãe, ao repetir ativamente no jogo o que havia sofrido passivamente como experiência desagradável.

Freud interpreta esse jogo como "a grande realização cultural da criança" (1920, p. 27), na medida em que ela renuncia aos seus impulsos (incestuosos), reconhecendo que a mãe se dirige a outros interesses que não exclusivamente ela mesma (a criança).

O jogo da criança com o carretel metaforiza, portanto, a própria transformação do objeto que, ao se tornar um "Fort-Da", é destituído de sua materialidade, emergindo como palavra no campo inconsciente.

Desde então, todo objeto será sempre esse resto que sobra a cada vez que uma equação simbólica é instituída como regra do jogo. Sua existência será para sempre faltosa, contingente e imprevisível.

Ao finalizar esse capítulo, gostaria de retomar uma questão que havia deixado apenas apontada anteriormente: o que a criança quer do adulto, ao brincar?!

Se, como nos diz Freud (1908), o desejo da criança ao brincar é imitar o que ela conhece da vida dos mais ve

lhos, ela se encontrará aí movimentando-se por três terrenos que se articulam entre si, a partir da falta do objeto:

- o terreno da dúvida, da interrogação e do saber.

Ela duvida e interroga a um Outro, o que ela pode ou não saber sobre a vida dos adultos.

Ao percorrer esses três terrenos, a criança estará fundando-se como sujeito que nem de tudo sabe, mas que, por isso mesmo, deseja, brinca e fala.

Na sua dúvida, ela se dirige a um outro alguém, mais além dela mesma.

E para que isso ocorra, o "adulto" precisa se ausentar.

2.2 - Nem lá, nem cá - o objeto em Winnicott

> "Não necessitamos pensar em sermos sagazes ou mesmo em conhecer toda a complexa teoria do desenvolvimento emocional do indivíduo. Antes necessitamos dar a oportunidade para as pessoas certas conhecerem as crianças e assim pressentirem suas necessidades. Poderia se usar a palavra "amor" aqui, correndo o risco de soar sentimental."
>
> (Winnicott, 1962, (43) p. 69)

Justificar a inclusão de Winnicott em tais considerações sobre o jogo na Psicanálise com crianças parece-me desnecessário. Primando por localizar no *brincar* o eixo central de seu trabalho, Winnicott desenvolve, pelas vias do jogo

e da criatividade, suas principais formulações teóricas, a partir de ampla experiência clínica.

Na verdade, o brincar constitui-se para ele o recurso básico não só de uma análise (quer de uma criança ou de um adulto), como também da própria formação da personalidade de um indivíduo. Assim, observa-se quando, por exemplo, Winnicott coloca:

> "É no brincar, e somente no brincar que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)." (1971, (39) p. 80)

Mas, o que é *o brincar* para Winnicott? Qual a sua função?

Obviamente, no próprio percorrer de sua obra, idéias e termos como esse vão sendo correlacionados e progressivamente esclarecidos.

Assim, se é provável que, por algumas vezes, nos ressintamos em Winnicott de sua maior proximidade aos conceitos freudianos, bem como de um maior rigor teórico na formulação de seus próprios conceitos, é, a meu ver, a originalidade e clareza na apresentação de suas idéias o que lhe confere lugar de destaque no campo teórico-clínico da Psicanálise com crianças.

Exponho a seguir seus principais conceitos, que se referem ao tema do *brincar* e que muito me auxiliaram no desenvolvimento desse trabalho.

Considerando o *objeto transicional* como o centro de todas as formulações de Winnicott, faz-se necessário que antes de nos determos em seu estudo propriamente dito, tomemos contato com outros conceitos igualmente importantes e que certamente contribuiram a melhor compreensão do tema (o brincar) como um todo.

Assim sendo, destaco a relação mãe-bebê, constituída de diversos aspectos, englobando inclusive o próprio processo de ilusão/desilusão do bebê. Como conseqüência, poderíamos observar o desenvolvimento das capacidades de se preocupar e de estar só, pontos também fundamentais na obra de Winnicott.

Segundo ele, "um bebê é algo que não existe, querendo dizer, naturalmente, que sempre que encontramos um bebê, encontramos a maternagem, e que, sem a maternagem não existiria bebê algum." (1940, (41) p. 42)

Portanto, ainda que ao nascer o bebê disponha de um "potencial herdado" que tende ao crescimento (Winnicott, 1960), este só será satisfatoriamente desenvolvido se o bebê encontrar na mãe uma boa capacidade de adaptação às suas necessidades. Ou seja, a mãe, por encontrar-se num estado de total identificação e preocupação com o bebê, sente-se capaz de saber sobre as suas necessidades e, assim, satisfazê-las.

Nesse sentido, para Winnicott, a mãe deve ser "devotada" (1963) ao bebê para que um melhor desenvolvimento de suas potencialidades possa ser realizada.

PUC-RIO

Ele coloca:

> "...o potencial herdado de um lactente não pode se tornar um lactente a menos que ligado ao cuidado materno." (1960, (41) p. 43)

Supõe então Winnicott que, no encontro entre a mãe e seu bebê, ambos possam se satisfazer e se completar em suas necessidades?

Acredito que sim. Mas, se por um lado coloca (1963) a devoção da mãe como um dos requisitos para o bom desenvolvimento do "vir-a-ser" do bebê, serão também suas falhas (da mãe) devidamente consideradas. Ou seja, Winnicott parece fazer questão de ressaltar que mesmo a mãe que nunca falha, falha em dar ao bebê motivos para reclamar e, só assim, crescer.

Ele coloca:

> "Muitas vezes o crescimento da criança corresponde muito precisamente à retomada pela mãe da sua própria independência, e se concordará que uma mãe que não pode gradualmente falhar deste modo em uma adaptação sensível esta falhando de uma outra maneira; ela está falhando (por causa de sua própria imaturidade ou suas próprias ansiedades) em dar ao lactente razões para estrilar." (1979, (43) p. 42)

Introduz-se aí, além das noções de dependência absoluta e relativa, representativas dos estágios iniciais do desenvolvimento de um indivíduo, o interessante conceito da "mãe suficientemente boa" (1951). Tal conceito refere-se a mãe que, estando de início preocupada ao máximo em se adap

tar às necessidades do bebê, vai aos poucos "fracassando" (1951) em suas provisões. Ela promove, então, uma "desadaptação gradativa" (1963) do bebê, que por sua vez vai desenvolvendo sua capacidade de tolerar os fracassos da mãe.

Certamente esse processo (des) adaptativo do bebê refere-se também à constituição dos objetos. Mas apenas anotemos por enquanto a seguinte colocação de Winnicott:

> Se tudo corre bem, o bebê pode, na realidade, vir a lucrar com a *experiência da frustração*, já que a adaptação incompleta à necessidade torna *reais* os objetos, o que equivale a dizer, tão odiados quanto amados." (1951, (43) p. 401)[1]

Portanto, se na primeira etapa de seu desenvolvimento emocional-o da dependência absoluta, o bebê ainda não tem capacidade de reconhecer a mãe como aquela que lhe apresenta o mundo e provê suas necessidades, é à medida que ele vai sentindo sua falta que vai começando também a perceber suas importantes atribuições.

Instalaria-se, então, a seguinte situação paradoxal: o bebê, quanto mais se separa da mãe, mais se reconhece dependente dela? Sem dúvida que sim e tal situação parece ilustrar-se pelo trecho:

> "Mais cedo ou mais tarde essas coisas acontecem a todos lactentes (exceto a alguns muito doentes) e sabemos que um grande alívio da dependência segue o desenvolvimento no lactente das capacidades de se colocar na pele da mãe. A partir disso se origina o desenvolvimento global da compreensão da mãe como tendo uma existência pessoal e separada..." (1963, (41) p. 86)

---

1 Os grifos são meus.

Como já havia assinalado, sob essa perspectiva teórica, o bebê nada é sem um ambiente favorável que estimule o desenvolvimento de suas potencialidades, tarefa destinada inicialmente à mãe. A tarefa de ser o primeiro ambiente para o bebê é desempenhada de modo natural pela mãe, que encontra-se nesse momento num estado de "preocupação materna primária" (1956), ou seja, extremamente disponível, identificada e devotada ao bebê.

É interessante notar que:

> É por causa desta identificação com o bebê que ela sabe como protegê-lo, de modo que ele comece por existir e não por reagir" (Winnicott, 1960, (41) p. 135)

Sob tal ponto de vista, o ambiente (a mãe) menos adequado ao bebê é aquele que o invade permanentemente, obrigando-o a reagir sempre e impedindo-o de existir naturalmente.

É essa contínua "necessidade de reagir" (1949) às invasões do ambiente que leva à organização do falso-self, o qual se constitui como uma defesa à ameaça de aniquilamento sentida então.

Embora os conceitos de "Verdadeiro e Falso-Self" (1960) sejam extremamente importantes na teoria de Winnicott, não serão aqui detalhados por fugirem aos interesses mais imediatos desse trabalho.

O bebê encontra-se agora num estágio de relativa dependência à mãe, podendo suportar as falhas de todo o processo adaptativo e aceitar com freqüência cada vez maior que

acontecimentos do mundo externo escaparão à sua onipotente tentativa de controle.

Assim, o bebê, além de ir se discriminando de sua mãe, vai também reconhecendo a existência da realidade interna bem como da externa, tornando-se apto a promover produtivos intercâmbios entre elas.

Winnicott coloca:

> "A todo indivíduo que chegou ao estádio de ser uma unidade, com uma membrana limitadora e um exterior e um interior, pode-se dizer que existe uma realidade *interna* para esse indivíduo, um mundo interno que pode ser rico ou pobre, estar em paz ou em guerra." (1951, (41) p.391)

O bebê, que até agora havia concebido o mundo de modo exclusivamente subjetivo, passa então a perceBê-lo também objetivamente, dotando-o de objetos externos e totalizados. Parece ser aí que, como havia assinalado anteriormente, os objetos se tornam *reais*.

No entanto, além da realidade interna e externa dos objetos, Winnicott faz questão de enunciar também uma "área intermediária de experimentação" (1951), abrindo campo para o seu conhecido conceito de *objeto transicional*.

A essa área intermediária ele atribui a importante função de "repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas. (1951, (39) p. 391)

Em relação ao objeto transicional, Winnicott coloca

que este se constituirá na interseção do mundo subjetivamente concebido com o mundo objetivamente percebido pelo bebê.

Eleito como um objeto especial, o objeto transicional ajudará o bebê na transição do estado de *ilusão* em que ele se encontra ao conseqüente estado de *des-ilusão* que o reconhecimento da realidade externa representará.

Assim, se do ponto de vista do adulto, a origem do objeto transicional é atribuída ao mundo externo, o mesmo não acontece com o bebê, que o localiza na fronteira entre um mundo e outro.

Portanto:

> "O objeto transicional jamais está sob controle mágico, como o objeto interno, nem tampouco fora de controle, como a mãe real." (Winnicott, 1951, (43) p.400)

O objeto transicional se torna, então, a primeira possessão exclusiva do bebê, que irá dispor dele como desejar, amando-o ou odiando-o conforme as circunstâncias. Se, por um lado, o objeto transicional auxiliará no reconhecimento pelo bebê da realidade externa, também servirá como defesa à ansiedade sentida por ele nessa ocasião.

Numa das passagens mais interessantes sobre o objeto transicional, Winnicott coloca:

> "Não é o objeto, naturalmente, que é transicional. Ele representa a transição do bebê em que este está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado. Quase sempre se faz referência

> a isso como sendo o ponto em que a criança, pelo crescimento, se liberta de um tipo narcísico de relação de objeto;..." (1975, (43) p. 30)

Mas afinal, o que tudo isso tem a ver com o tema do brincar?

O objeto transicional, apesar de ir sendo desinvestido progressivamente pelo bebê, jamais será completamente perdido ou esquecido. Ele é "Relegado ao limbo", nos diz Winnicott *numa expressiva colocação*. (1951, (43) p. 394)

Sempre, mesmo com o passar dos anos, existirá uma área preservada das constatações e contestações do mundo externo.

A princípio, essa área é a do *brincar*, onde é possível à criança se perder e se achar, livre das exigências da realidade compartilhada, livre no exercício de sua criatividade.

No adulto, também, áreas intermediárias entre o mundo interno e o externo poderão ser reconhecidas, as quais em substituição ao brincar, se localizarão no campo da arte e da religião.(Winnicott, 1951, (39) p. 404)

Dentre as diversas conseqüências desse complexo desenvolvimento emocional, o indivíduo apresentará o estabelecimento de duas importantes capacidades psíquicas - a de se preocupar e a de estar só.

Em relação à capacidade de se preocupar, Winnicott coloca:

> "Minha tese é que a preocupação surge na vida do bebê como uma experiência altamente sofisticada ao se unirem na mente do lactente, a mãe-objeto e a mãe-ambiente". (1963, (39) p. 72)

Desse modo, o estabelecimento da capacidade de se preocupar é simultâneo ao reconhecimento, pelo bebê, da mãe como uma pessoa total e diferenciada dele. Além disso, ele mesmo se percebe como um eu integrado, sendo capaz agora de discriminar a realidade interna da externa.

A presença (ou constância) da mãe é, então, fundamental, não só em termos de satisfazer as necessidades básicas do bebê (mãe-ambiente), bem como de suportar seus investimentos pulsionais de amor e ódio (mãe-objeto), que agora encontram-se fundidos num só objeto.

Assim, será possível ao bebê reparar os danos imaginários causados à mãe, desenvolvendo sua capacidade de se preocupar com ela, ao invés de se sentir culpado por tais "danos".

A capacidade de se preocupar é, portanto, um "termo mais positivo" (1963) que a culpa, sentimento esse que, conforme Winnicott, só emergeria caso a ambivalência (amor e ódio pelo objeto totalizado), não fosse sadiamente ultrapassada.

Como já havia assinalado, também a capacidade de estar só representa uma importante conquista maturacional da criança, que só se desenvolverá nesse sentido ao sentir-se confiante no ambiente que a cerca e dispuser, no início de seu processo adaptativo, de uma maternagem suficiente boa.

Por isso, segundo Winnicott, a criança para estar só precisa, a princípio, de um apoio do ego materno, já que seu próprio ego encontra-se ainda frágil e imaturo.

Aos poucos ela irá estabelecendo uma imagem consistente da mãe,que mesmo não estando todo o tempo junto à criança, estará colaborando com o desenvolvimento de suas capacidades. O ego auxiliar da mãe (Winnicott, 1958 p. 34) é introjetado pela criança, que passa a ser capaz, então, de permanecer sozinha e tranqüila.

É interessante notar que o estado de "estar só" é colocado, de acordo com o pensamento winnicotiano, como decorrente do "eu sou", pressupondo com isso um alto nível de integração do ego da criança e sua discriminação entre realidade interna e externa.

Enfatizando ainda mais a importância que atribui à capacidade de estar só, Winnicott coloca:

> "É somente quando só (isto é, na presença de alguém) que a criança pode descobrir sua vida pessoal própria."(1958,(39) p. 35)

Portanto, mais do que uma conquista maturacional, a capacidade de estar só representa para um indivíduo sua conquista da paz e equilíbrio suficientes para brincar,criar, e enfim, viver criativamente.

Afinal, ficar sozinho (na presença de alguém) pode representar um interessante desafio que, além de exigir o reconhecimento da existência de uma outra pessoa, requer também

a capacidade de deixá-la só, sem tornar-se nem evasivo nem invasivo com isso.

> "Espera-se que a psicanálise seja capaz de utilizar a teoria dos fenômenos transicionais, a fim de descrever o modo como uma provisão ambiental suficientemente boa, nos estádios mais primitivos, torna possível ao indivíduo enfrentar o imenso choque da perda da onipotência." (Winnicott, 1975, (39)p.102)

CANTIGA DA BABÁ

Eu queria pentear o menino
como os anjinhos de caracóis.
Mas ele quer cortar o cabelo,
porque é pescador e precisa de anzóis.

Eu queria calçar o menino
com umas botinhas de cetim.
Mas ele diz que agora é sapinho
e mora nas águas do jardim.

Eu queria dar ao menino
umas asinhas de arame e algodão.
Mas ele diz que não pode ser anjo,
pois todos já sabem que ele é índio e leão.

(Este menino está sempre brincando,
dizendo-me coisas assim.
Mas eu bem sei que ele é um anjo escondido
um anjo que troça de mim).

Cecília Meireles

in "Ou isto ou aquilo"

CAPÍTULO II - JOGO DA ANÁLISE

1 - Em jogo: a Transferência

> "Quando se falava com ele, discursando para ele sobre qualquer que fosse o assunto, X... parecia freqüentemente olhar e escutar ao longe, espiando alguma coisa nas redondezas: parava-se desencorajado; no fim de um longo silêncio, X... dizia: "Continua, eu estou escutando": então se retomava meio sem jeito o fio de uma história na qual já não se acreditava mais."
>
> (Barthes, 1977, (2) p. 50)

Surpreendido pelos relatos de suas pacientes histéricas, Freud é levado a elaborar um dos quatro conceitos que se constituirão como fundamentais à Psicanálise, quer seja, a Transferência[1].

Se, a princípio, a transferência é tida como um imprevisto clínico, responsável por obstáculos à cura analítica, irá ocupar lugar de destaque cada vez maior no campo dos conceitos freudianos.

Assim, se já no texto de "A Interpretação dos Sonhos" (1900) encontramos o termo "Transferência", será só mais tarde que ela receberá a importância e o significado que lhe são hoje característicos.

Ao explicar o trabalho dos sonhos, Freud fala da

---

1 Segundo Lacan, os três outros conceitos fundamentais da Psicanálise são: o Inconsciente, a Repetição e a Pulsão (conforme seu Seminário XI - Os Quatro Conceitos Fundamentais 1964).

transferência de sentido (deslocamento) de um conteúdo mais expressivo para outro menos relevante, utilizada como disfarce pelo desejo inconsciente, para que esta possa aparecer e receber representação na consciência.

Tal qual uma criança, que ao brincar de esconde-esconde "esquece" sempre algum pedacinho de seu corpo aparecendo, insistindo em ser encontrada, o desejo, em total paradoxo (como lhe é peculiar), se revela ao se esconder em suas formações inconscientes.

Entre 1911-1915, Freud irá escrever uma série de artigos sobre a técnica e o manejo da transferência, sem, no entanto, pretender esgotar as possibilidades e surpresas particulares a cada situação, como ele bem assinala:

> "A extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica" (1913, (13) p. 164)

Desse modo, mais do que se preocupar em definir as regras do jogo transferencial, Freud parece ir delineando, através de suas "recomendações" em tais artigos, o lugar que o analista deverá ocupar e a ética que deverá seguir na condução de uma análise.

E será mesmo um jogo - o de xadrez, que Freud utilizará como metáfora para expressar a imprevisibilidade (e singularidade) dos acontecimentos transferenciais.

Assim, encontramos no texto "Sobre o Início do Tra

tamento":

> "Todo aquele que espera aprender o nobre jogo do xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os finais de jogos admitem uma apresentação sistemática exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo. Esta lacuna na instrução só pode ser preenchida por um estudo diligente dos jogos travados pelos mestres. As regras que podem ser estabelecidas para o exercício do tratamento psicanalítico acham-se sujeitas a limitações semelhantes." (1913, (13) p. 164)

Além dessa série de artigos sobre a Transferência, Freud destina também uma de suas conferências (1916-1917) exclusivamente ao tema.

Mas será somente em seu texto de 1920,"Mais Além do Princípio do Prazer", que Freud irá incrementar suas considerações sobre tal tema, ao enfatizar a noção da compulsão à repetição,[1] discriminando e articulando, então, as três funções aí atribuídas:

- a função de sugestão
- a função de resistência
- a função de repetição

Se à época da hipnose a força da sugestão médica era tida como a maior aliada ao trabalho analítico, esta será progressivamente, destituída do especial valor que lhe era atribuído então, e substituída pelos conceitos de associação livre e de transferência.

---

1 Noção essa que havia ficado apenas apontada em seu artigo de 1914 - "Recordar, Repetir e Elaborar."

Freud coloca:

> "E devemos da-nos conta de que, em nossa técnica, abandonamos a hipnose apenas para redescobrir as sugestões na forma da transferência." (1916-17, (16) p. 519)

Desse modo, apesar de Freud acreditar, a princípio, que o estado da sugestão em que o paciente se encontrava, facilitava a rememoração de suas experiências traumáticas, ele vai se deparando com pacientes que, mesmo em estado hipnótico, consideravam extremamente difícil relembrar tudo o que lhes fosse pedido. Faz-se necessário, então, reformular suas suposições.

Sobre a mudança teórico-clínica que se impôs naquele momento, Freud coloca:

> "Sob a nova técnica, muito pouco e com freqüência nada, resta deste deliciosamente calmo curso de acontecimentos" (referindo-se à hipnose). A paciente "reproduz não como lembrança, mas como ação repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo." (1914) p. 196)

Como podemos observar, parece introduzir-se aí a noção da repetição, que se refere especialmente a atualidade adquirida pelos processos inconscientes ao serem reativados na transferência. Ou seja: mais precisamente falando, o paciente não apenas recorda (evocando traços

mnêmicos o que havia recalcado, mas repete-o (em ato), representando e re-apresentando suas estórias nesse palco de revelações que é a transferência. "Recorda", então, à sua maneira, o que havia "esquecido".

Nesse momento Freud se refere à transferência como a um "*playground* no qual lhe é permitido (à compulsão à repetição) expandir-se em liberdade quase completa e no qual se espera que nos apresente tudo no tocante a instintos patogênicos que se acha oculto na mente do paciente". (1914, (15) p. 24)

Interessante observar que Winnicott, ao desenvolver o tema do brincar na Psicanálise (referindo-se tanto ao trabalho clínico com crianças como com adultos), muito se aproxima do pensamento freudiano, ao também assemelhar o campo transferencial a um playground, onde os sonhos e recordações do paciente são atualizados e recebem novas significações.

Dessa forma, encontramos:

> "A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas". (Winnicott, 1971,(39) p. 59)

Assim, se Winnicott irá reforçar a idéia de que o brincar é uma experiência ("uma forma básica de viver") que transcende os limites da Psicanálise com crianças, também irá dizer que toda intervenção do analista só será oportuna quando o paciente tiver desenvolvido sua capacidade de brincar. Para tanto, o analista deverá dirigir seu trabalho no sentido de possibilitar ao paciente desenvolver criativamente tal capacidade, sem privilegiar o conteúdo da brincadeira em si.

Ele afirma:

> "Esse brincar tem de ser espontâneo, e submisso ou aquiescente, se é que se quer fazer psicoterapia". (1971, (39), p. 76)

Mas, retornando à questão da repetição em Freud, podemos, observar que ela será melhor esclarecida ao se articular à terceira função da transferência, quer seja, à resistência.

Se, por um lado, é pela transferência que as associações do paciente são colocadas em jogo, ficam, de outro modo, obturadas em seu livre deslizar na cadeia, referindo-se esse último aspecto ao fechamento do inconsciente pela resistência. Podemos pensar, então, que o jogo analítico se dá não só por causa da transferência, mas também, apesar dela.

No entanto, é fundamental, acima de tudo, que a repetição permaneça discriminada da resistência - discriminação essa que, apesar de ter sido enfatizada por Freud, especialmente em seu texto "Mais Além do Princípio do Prazer", deu margem a uma série de mal-entendidos, tanto teóricos quanto clínicos, entre a maioria de seus seguidores.

Encontramos no texto citado:

> "...temos acima de tudo de livrar-nos da noção equivocada de que aquilo com que estamos lidando em nossa luta contra as resistências seja uma resistência por parte do inconsciente. O inconsciente, ou seja, "o recalcado" não oferece resistência alguma aos esforços do tratamento". (1920, (18) p. 32)

Portanto, qualquer resistência que venha a interferir no decorrer da análise será sempre proveniente do eu[1], e não do recalcado. O inconsciente, tal como Freud nos apresenta, não resiste, mas insiste, sim, irrompendo como flashes, nos intervalos do discurso egóico.

Se de um modo o desejo inconsciente é recordado, insiste também em ser re-acordado permanentemente pelo sujeito, que coloca em cena suas velhas e repetidas estórias. Essa atualização do antigo é o que Freud chamou de "neurose de transferência", situação artificial que possibilita a repetição e uma nova elaboração da neurose original (ainda que reste sempre algo não-elaborado, a ser permanentemente repetido).

---

1 Diferenciação já assinalada quando do estudo do Jogo da Constituição do Sujeito (Capítulo I - Parte 1).

Ele coloca:

> "A transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para outra é efetuada". (1914, (15) p. 201)

Mas, na verdade, as funções de sugestão, repetição e resistência apontadas por Freud receberão sua melhor articulação com Lacan, que as reúne sob a forma de seu conhecido conceito - o Sujeito Suposto Saber, tal como nos é apresentado em seu Seminário de 1964.

Conforme Lacan, o Sujeito Suposto Saber é o próprio pivô da transferência, ao redor do quê toda a situação analítica irá se estruturar, afirmando mesmo que, desde que haja em algum lugar a suposição de um saber, é porque, também aí, a transferência encontra-se instalada.

Ele coloca:

> "De cada vez que essa função pode ser, para o sujeito, encarnada em quem quer que seja, analista ou não, resulta da definição que venha lhes dar que a transferência já está então fundada". (1964, (31) p. 220)

Desse modo, se é bem verdade que o inconsciente do sujeito pré-existe ao seu encontro com o analista, só o será verdadeiramente posto em jogo ao ser endereçado a um Outro (suposto de um saber), inaugurando assim o campo transferencial.

De início, essa suposição de saber se constituirá na

forma de um pedido de ajuda ao analista, que passará a fazer parte também da lógica inconsciente do sujeito, funcionando como o agente do discurso analítico e causa de seu desejo. O sujeito se dirige ao Outro para que dele retorne o saber que supõe lá existir.

O analista, portanto, ao enunciar a única regra fundamental a toda e qualquer análise - diga tudo o que lhe vier à cabeça - causa o jogo transferencial, ficando ele próprio na posição de ouvinte e receptor das associações do paciente.

Lacan afirma em seu texto "Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise":

> "... não há fala sem resposta, mesmo se ela encontre apenas o silêncio, com a condição de que ela tenha um ouvinte, e que este é o âmago de sua função na análise." (1953, (27) p.112)

Assim, podemos considerar que, na verdade, a regra da associação livre refere-se a um aspecto muito mais ético do que técnico da análise, na medida em que ela constitui a direção da escuta analítica, sempre apontada para algo de significante que encontra-se invariavelmente em jogo na transferência (tendo seu significado já sido revelado ou não).

Ao analista, ainda que nada saiba sobre o saber que lhe é suposto, cabe sustentar essa suposição, que permite que o paciente vá associando "livremente" seus significantes inconscientes.

Por seu lado, o paciente, ao se deparar com a regra

que lhe foi proposta, irá reconhecendo que as palavras não portam toda sua verdade, não havendo, portanto, um saber último que o signifique. Haverá sempre algo a dizer, a escapar entre um significante e outro, mantendo em movimento o seu desejo inconsciente, constituindo-o como sujeito.

Mas, afinal, de que é suposto saber o analista?

Freud nos diz em sua Conferência XXVII:

> "Na medida em que a transferência do paciente leva um sinal "mais", ela reveste seu médico de autoridade e a transforma em crença nas suas comunicações e explicações". (1916-17, (16) p. 519)

O analista é, assim, suposto saber sobre a verdade do paciente, que a ele se dirige em busca de soluções. "Decifra-me" - é o que lhe é demandado.

Mas se o analista de tudo sabe, não haverá jogo possível - todos os lances estarão previamente estabelecidos e o resultado há muito conhecido.

Portanto, é nesse ponto de encontro que o analista é esperado. "Enquanto o analista é suposto saber, ele é suposto saber também partir ao encontro do desejo inconsciente". (Lacan, 1964, (31) p. 222). Ele precisa então des-saber, desencontrar o paciente em sua verdade, mantendo-se na posição do destinatário das questões deste, ao invés de remetente de suas respostas.

Tal posição deverá ser mantida durante todo o percurso da análise do sujeito, quando, ao final, o analista cairá

desse lugar de autoridade (e saber) que lhe havia sido suposto, tornando-se o paciente mesmo, a causa de seu próprio desejo.

Desse modo, a ignorância do analista constitui o primeiro e o último apito do jogo transferencial, permeando-o mesmo, durante todo o tempo. Somento pela "falha" do analista, é que o paciente poderá se colocar em campo, estando aberta para ele a dimensão de sua verdade. Só assim lhe será possível mover-se "livremente" na trilha de seu desejo.

Lacan coloca:

> "A análise não pode ter como finalidade se não o advento de uma fala verdadeira e a realização pelo sujeito de sua história na sua relação com um futuro". (1953, (27) p. 166)

Tornariam-se todas essas questões referentes à Transferência muito diferentes quando aplicadas ao trabalho analítico com crianças? Certamente que não, ainda que uma determinada especificidade mereça ser destacada.

Em seu texto sobre "A Transferência em Psicanálise de Crianças", Manonni coloca: "O analista de crianças trabalha com várias transferências" (1966, (34) p. 97), referindo-se à participação dos adultos (pais, professores, médicos) no percurso da criança na análise.

Bem, se é mesmo verdade que a criança não vem sozinha a análise (pelo menos inicialmente), também depende na maioria das vezes, de um outro que formule por ela seu primeiro pedido de aju

da ao analista.

Assim, se o saber que recai sobre o analista é supos to inicialmente por esses outros sujeitos que não a própria criança, será somente à medida que ela se posicione em campo (do seu desejo) que a partida do jogo transferencial poderá ter início.

Manonni acrescenta:

> "A criança não pode engajar-se numa análise por sua conta a não ser que seja assegurada de que ser ve a seus interesses e não aos dos adultos". (1966, (34) p. 82)

Portanto, se a princípio a demanda de análise de uma criança estará sendo veiculada, provavelmente, pela palavra de de um outro, é interessante observar que, através de suas estó rias e brincadeiras, vai ela mesmo sendo capaz de formulá-la e endereçá-la ao analista.

Desse modo, se o discurso que se sustenta na análise com crianças pode ser considerado um "discurso coletivo" (como o descreve Manonni-1966), é função essencial do analista discri minar e destacar o quê da singularidade da criança está aí sen do revelado.

Expresse-se a criança, então, por meio de palavras, gestos ou jogos, a sua condição de sujeito do desejo inconscien te deverá estar sempre assegurada na análise, merecendo, por is so, ser reconhecida como portadora de uma verdade própria, que será colocada em jogo na transferência.

Lacan assinala:

> "Freud mostra-nos como a palavra, isto é, a trans missão do desejo, pode se fazer reconhecer atra vés de qualquer coisa, desde que essa qualquer coisa seja organizada em sistema simbólico".(1953 -4, (29) p. 277)

"Não: não digas nada!
Supor o que dirã
A tua boca velada
É ouví-lo já.

É ouví-lo melhor
Do que o dirias.
O que és não vem à flor
Das frases e dos dias.

És melhor do que tu,
Não digas nada: Sê!
Graça do corpo nu
Que invisível se vê."

Fernando Pessoa

in "Cancioneiro" - Obra Poética

CAPÍTULO III - O JOGO NA ANÁLISE

1 - O Jogo e a análise com crianças

> "Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. Contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra."
>
> (Freud, 1908, (8) p. 151)

Por quê a criança brinca?

Se, como estudamos em Freud, o brincar se constitui como *uma* das possíveis vias de revelação (logo, de disfarce) do desejo inconsciente, podemos observar que, de um modo geral, tal via é de fato, a mais comumente escolhida pelas crianças como recursos de "expressão".

No entanto, seria a escolha freqüente da criança pelo brincar justificativa suficiente para que também alguns autores a elejam como forma privilegiada (ou mesmo exclusiva) no curso da *análise* de uma criança?

Quem - o paciente ou o analista - insiste (ou resiste) em colocar o brincar da criança como condição primeira para que sua análise se dê?!

Na verdade, *desvios* como esse passaram a ocorrer com tal freqüência entre os seguidores de Freud que fizeram surgir a chamada "Psicanálise Infantil".

Se, por um lado, pode-se compreender que toda psicanálise é infantil (na medida em que toda neurose é uma neurose infantil, como bem aponta Freud)[1], talvez seja ao traçarmos um caminho histórico retrospectivo que possamos compreender como tais desvios foram sendo produzidos a partir do pensamento freudiano original.

Assim, considero de extrema importância a revisão de alguns conceitos teórico-clínicos dos principais autores que se empenharam no trabalho psicanalítico com crianças, objetivando com isso que novas e urgentes reflexões sobre tal prática sejam efetivamente realizadas.

Em 1909, Freud publica pela primeira vez um artigo sobre neurose infantil, utilizando para tanto extratos da análise de uma criança de cinco anos. No pós-escrito desse caso (1922), ele comenta:

> "A publicação dessa primeira análise de uma criança causara uma grande agitação e até uma grande indignação, e um futuro dos mais negros tinha sido previsto para o pobre menininho, porque lhe tinham "roubado sua inocência" numa idade tão tenra e ele se tornara vítima de uma psicanálise". (p. 153)

---

1 Na discussão do caso clínico do Pequeno Hans, Freud coloca: "Quando, todavia, um paciente adulto neurótico vem a nós para tratamento psicanalítico (e presumamos que sua doença só se tornou manifesta depois que ele atingiu a maturidade), achamos regularmente que sua neurose tem como ponto de partida uma angústia infantil tal como a que discutimos, e é de fato uma continuação dela; de modo que, por assim dizer, um contínuo e tranqüilo fio de atividade psíquica, partindo dos conflitos da sua infância, foi prolongado através de sua vida - sem consideração se o primeiro sintoma daqueles conflitos persistiu ou recolheu-se sob a pressão das circunstâncias". (1909, p. 148)

No entanto, o pequeno Hans, contrariando tais previsões, havia se tornado um "forte rapaz de dezenove anos", que em nada fazia lembrar o angustiado menino da época do tratamento.

O trabalho analítico, nesse caso, dirigiu-se à articulação do sintoma de Hans - medo de cavalos - ao complexo edípico e à castração, possibilitando, através da transferência e de precisas intervenções, que dois significantes fundamentais fossem associados: o cavalo ao pai.

Para tanto, Freud contou com a importante participação do próprio pai do paciente, para o quê ele considera:

> "É verdade que assentei as linhas gerais do tratamento e que numa única ocasião, na qual tive uma conversa com o menino, participei diretamente dele, - no entanto, o próprio tratamento foi efetuado pelo pai da criança, sendo a ele que devo meus agradecimentos mais sinceros por me permitir publicar suas observações acerca do caso." (1909, (9) p. 15)

Assim, Freud parece instaurar através desse caso a associação livre como regra básica também para a psicanálise com crianças, já que todo o trabalho com Hans se realiza por meio das conversas que ele tem com o pai e suas descobertas a partir daí.

Mais tarde (1920), Hug-Hellmuth passa a ser considerada como pioneira, depois de Freud, a se dedicar especialmente ao trabalho psicanalítico com crianças. Foi ela também quem primeiro apresentou num Congresso Internacional de Psicanálise (1921)[1], um trabalho todo dedicado à "técnica da

1 Trabalho publicado no International Journal of Psycho-Analysis, Vol.II, 1921.

análise de crianças".

Nesse trabalho, a autora enfatizava que o psiquismo da criança apresenta características tão diferentes das do psiquismo adulto que se fazia necessário criar uma "técnica especial para sua análise".

Assim, se os adultos, dizia ela, dispõem dos meios necessários para "uma compreensão verbal completa de suas pulsões e de seus sentimentos inconscientes", a criança, por não dispor destes mesmos meios, sente-se obrigada a lançar-mão do recurso lúdico como recurso da fala.

O brinquedo passa a ser, desse modo, o instrumento ideal para recolher pensamentos latentes na mente da criança, que de outra forma, não poderiam ser expressos. São formuladas, então, hipóteses interpretativas, a serem objetiva e rigorosamente verificadas.

É curioso notar que aqui o brincar da criança recebe a conotação de um material objetivo a ser analisado, ainda que originalmente em Freud fosse compreendido como uma expressão inconsciente.

Desde então vão surgindo diversos trabalhos interessados em discriminar as peculiariedades da vida psíquica infantil das do adulto, justificando o avanço da teoria e da técnica especializadas.

Com Sophie Morgenstern na França, Anna Freud em Viena e Melanie Klein na Inglaterra, todas essas inovações foram sendo mais amplamente sistematizadas.

Apesar de desenvolverem importantes trabalhos na mesma ocasião, Anna Freud e Melanie Klein diferem em alguns pontos significativos que merecem consideração.

Para Anna Freud:

> "A criança não se vê, como o adulto, pronta a produzir uma nova edição de suas relações amorosas porquanto, como se poderia dizer, a antiga edição não se encontra ainda esgotada. Os seus objetos originais, os pais, ainda são reais e presentes como objetos de amor - não apenas na fantasia, como acontece com os neuróticos adultos". (1972, (5) p. 60)

Justifica, assim, o seu ponto de vista de que não existe para a criança a possibilidade de estabelecer um vínculo transferencial com o analista, já que suas "reações neuróticas permanecem agrupadas em torno de seus pais, que representam os objetos originais do passado patogênico". (1927, (5) p. 108)

Conforme essa autora, existem diferenças psíquicas tão grandes entre os adultos e as crianças que a situação analítica não pode ser desenvolvida de modo semelhante para ambos.

Dentre todas as especificidades que Anna Freud irá apontar como próprias à análise de crianças, existe uma delas que se destaca por traduzir mais claramente o seu pensamento.

Ela coloca:

> "...o analista de crianças, exatamente porque o paciente é uma criança, deve, além do treinamento analítico propriamente dito, também possuir um segundo elemento, o conhecimento pedagógico". (1927, (5) p. 88)

Com isso, o analista deve ocupar a posição de modelo para o paciente, preocupando-se não só com o desenvolvimento da sua análise, bem como com sua educação na escola e no meio familiar, orientando os pais para a melhor forma de realizá-la.

Em oposição à Melanie Klein (que, como veremos, o toma como substituto da associação livre do adulto), Anna Freud não enfatiza o caráter simbólico do brincar infantil.

Desse modo, encontramos:

> "Se o brincar da criança não está dominado pela mesma atitude intencional como se dá na associação livre do adulto, não há qualquer justificativa para considerá-lo como se tivesse a mesma significação. Em lugar de ser investido de conteúdo simbólico, esse brincar poderia admitir algumas vezes, uma explicação de caráter *inocente*"[1]. (1927, (5) p. 54)

Se, mais tarde, Anna Freud reformulará alguns desses pontos, não chegará jamais a considerar a análise da criança como sendo movida, assim como a do adulto, pelo desejo inconsciente que a faz brincar e falar.

Com Melanie Klein, uma vez mais as diferenças entre a vida das crianças e a dos adultos são pesquisadas, resultando em 1926 no seu conhecido artigo "Os princípios psicológicos da análise infantil".

Seguindo a trilha de Hug-Hellmuth, Melanie Klein desenvolve o que havia sido apenas iniciado, sendo considerada,

---

1 O grifo é meu.

na história da psicanálise com crianças, a inventora da técnica analítica do jogo.

Como assinalara anteriormente, para essa autora, o brincar da criança em análise constitui-se como fiel substituto das associações livres realizadas pelo adulto.

Ela coloca:

> "Empregando esta técnica, logo verificaremos que as crianças produzem associações com os diferentes aspectos dos seus jogos, em número não inferior às que fazem os adultos com os elementos dos seus sonhos". (1926, (25) p. 186)

Assim, conforme Melanie Klein, jamais seria possível aceder às camadas mais profundas da vida mental infantil pelas conhecidas vias da associação livre. Era necessário, portanto, que um novo recurso clínico fosse utilizado, e o *jogo* foi, então, escolhido.

No entanto, mais do que o jogo, ela parece valorizar os brinquedos como recurso fundamental à análise de crianças. A supervalorização dos brinquedos expressa-se, por exemplo, no trecho:

> "Gostaria de explicar, resumidamente, qual a razão porque esses brinquedos são valiosos na técnica da análise lúdica. Seu reduzido tamanho, sua forma e sua grande variedade, deixam o campo livre para os jogos mais variados, ao passo que sua simplicidade permite uma infinidade de usos diferentes. Tais brinquedos, portanto, prestam-se muito bem a que a criança exprima amplamente, por meio deles, suas fantasias e experiências, com grandes detalhes". (1948, (26) p. 61)

Por isso, a compreensão total de um jogo só se dará ao serem analisados *a maneira* como a criança brinca, os *motivos* porque muda de um brinquedo para outro e os *meios* que escolhe para se expressar.

Ela coloca:

> "É só pelo exame minucioso dos detalhes do jogo e sua interpretação que as ligações se esclarecem para nós e que a interpretação se torna efetiva". (1926, (25) p. 185)

Mas, afinal, a que pressupostos teóricos tais considerações sobre o jogo encontram-se associadas?

Dentre as várias reformulações introduzidas por Melanie Klein, duas delas merecem ser destacadas aqui, na medida em que se relacionam diretamente ao brincar da criança na análise.

Assim sendo, apontaria:

- a compreensão do superego como uma instância sádica, capaz de morder, cortar ou mesmo devorar a criança em suas fantasias.

Ao retroceder a fase edípica para os primeiros anos de vida da criança, a autora explica também a existência de um sentimento precoce de culpa (e de angústia), elaborada na forma do superego.

- a compreensão do corpo da mãe como uma cavidade para onde a criança se dirige à procura de seus elementos: o pênis do pai, os excrementos, o bebê.

Apoiada, então, nesses dois pólos de significação - o sadismo por um lado, e o corpo pleno da mãe, por outro - Melanie Klein apresenta o jogo em análise como uma maneira da criança representar essa dualidade e dirige para esse ponto, todas as suas interpretações.

Pode-se supor, assim, que a maior preocupação Kleineana resida em compreender e encontrar um sentido para o que está sendo expresso pela criança.

É o que ela parece assinalar no trecho:

> "Este caso[1] fortaleceu minha convicção crescente de que uma precondição para a psicanálise da criança é compreender e interpretar as fantasias, os sentimentos, as ansiedades e as experiências expressas ao brincar ou, se as atividades lúdicas estão inibidas, as causas da inibição". (1953, (24) p. 28)

Obviamente, o pensamento Kleineano encontrou adeptos em vários países e épocas diferentes.

Na Argentina, Arminda Aberastury destacou-se como psicanalista de crianças, ao dar prosseguimento aos pressupostos Kleineanos e introduzí-los na América Latina.

Em sua principal obra, "Teoria e técnica da psicanálise com crianças" (1979), a autora apresenta uma série de recomendações técnicas a serem seguidas como condição para o bom desempenho da análise de crianças.

---

1 Nesse trecho, Melanie Klein refere-se à análise de uma criança de dois anos e nove meses que, segundo ela, representou "um passo definitivo no desenvolvimento da técnica pelo brinquedo". (1953, p. 28)

Ela indica, por exemplo:

- a necessidade de uma caixa de brinquedos, exclusiva para cada paciente, fechada a chave, interditada a qualquer outra pessoa

- a necessidade de um consultório com paredes laváveis, um banheiro no interior da sala, mesas e cadeiras resistentes

- a necessidade do analista saber costurar, saber jogar os mais diversos jogos e conhecer o maior número possível de estórias infantis. Além disso, ela aconselha também que seja assistido o maior número possível de filmes e desenhos animados.

É fácil imaginar que pela tamanha ênfase em todos esses requisitos materiais, a dimensão simbólica do jogo já tenha há muito sido esquecida, comprovando uma vez mais o quanto a criança é tida aqui como impossibilitada de falar (jogar e desejar), justificando com isso a inclusão de inúmeros objetos e interpretações, que proporcionam uma ilusória satisfação ao analista frente à criança, mais do que auxiliam ela própria em seu percurso na análise.

Desse modo, Aberastury coloca:

> "O aspecto do consultório deve ser, por si mesmo, a regra fundamental, para que não seja necessário explicar à criança o que deve fazer. Para isso, na primeira sessão, os brinquedos e os objetos que lhes destinamos são colocados sobre uma mesa, preferentemente baixa, de modo que, ao entrar, tenha uma visão completa do que lhe oferecemos para comunicar-se conosco". (1979, (1) p. 98)

É interessante observar que, sob tal ponto de vista, o "aspecto do consultório" é promovido à condição de "regra fundamental", destituindo a associação livre do seu lugar central na Psicanálise, tal como havia sido colocada por Freud.

Se, por um lado, segundo tais autores, os resultados das análises realizadas são considerados satisfatórios, é bem verdade que, na maioria dos casos, tudo encontra-se previamente estabelecido. Ou seja, tanto o lugar do analista como a técnica e as interpretações a serem usadas fazem parte de uma gama limitada de possibilidades, funcionando apenas como representantes de significados definidos a priori.

O brinquedo já está lá desde sempre, o jogo já foi determinado antes mesmo que os jogadores entrassem em campo. Todas as interpretações estão a postos. Enfim, tudo encontra-se cuidadosamente "pré-parado" para o desenrolar de uma cena, onde nada irá faltar e o paciente e o analista terão chances de "brincar à vontade".

Talvez seja somente com Winnicott (sendo que também ele foi influenciado por Melanie Klein), que a importância simbólica do jogo tenha sido novamente resgatada.

Ainda que suponha a existência de um objeto (o objeto transicional) com que parece preencher a área intermediária entre a realidade interna e externa de um indivíduo, é para além desse objeto propriamente dito que Winnicott localiza o jogo e a criatividade como formas de expressão e de crescimento.

Ele coloca:

> "Minha descrição equivale a um pedido a todo terapeuta para que permita a manifestação da capacidade que o paciente tem de brincar, isto é, de ser criativo no trabalho analítico. A criatividade do paciente pode ser facilmente frustrada por um terapeuta que saiba demais". (1971, (39) p. 83)

Parece rever, com isso, as posições anteriores que estabeleciam um padrão limitado e pré-concebido de interpretações e significados.

Winnicott coloca que será só através do brincar criativo que o indivíduo irá construir seu eu (self), estabelecendo vínculos sociais.

Em termos clínicos, ele introduz o jogo do rabisco, que passa a utilizar em várias de suas consultas terapêuticas, especialmente quando a comunicação com a criança encontra-se dificultada, parecendo preservar, no entanto, o respeito à associação livre como regra básica para a Psicanálise, tanto de adultos como de crianças.

Desse modo, encontramos:

> "Em termos de associação livre, isso significa que se deve permitir ao paciente no divã, ou ao paciente criança entre os brinquedos no chão, que comuniquem uma sucessão de idéias, pensamentos, impulsos, sensações sem conexão aparente...", sendo que, o analista deve suportar essa desordem (criativa) do paciente sem tentar organizá-la ou lhe dar um sentido." (1971, (39) p. 81)

Será com Lacan, entretanto, que o campo simbólico

irá se (re)estabelecer como terreno fundamental do jogo, do desejo e da fala, caracterizando a própria existência humana.

No seu Seminário sobre "o Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise", Lacan coloca:

> "A função simbólica constitui um universo no interior do qual tudo que é humano tem que ordenar-se". (1955, (30) p. 44)

Assim, dentre todas as diferenças da posição freudiana para com a de outros autores, existe uma extremamente importante, por apresentar conseqüências teórico-clínicas fundamentais:

Para Freud (como bem parece ser retomado por Lacan), a criança brinca porque deseja, enquanto que para os outros, ela brinca por não ter os meios apropriados para se expressar.

Portanto, o jogo só pode ser compreendido como recurso básico à análise com crianças ao ter sua dimensão simbólica (de desejo) permanentemente mantida, excedendo ao campo dos objetos e da previsibilidade da técnica.

Constitui-se, então, a tarefa primordial do analista que trabalha com crianças apontar invariavelmente para a seguinte posição: podemos jogar sim e brincar livremente, pois, assim como com a associação livre, minha escuta estará sempre dirigida para isso que encontra-se mais além do (seu) desejo... de brincar.

> "Aquele que quer a verdade, só tem por resposta imagens fortes e vivas, mas que se tornam ambíguas, flutuantes, desde que ele tenta transformá-las em signos: como em toda mântica, o consultante amoroso deve ele mesmo fazer sua verdade".
>
> (Barthes, 1977 (2) p. 179)

2 - O Jogo das Bolas de g(r)ude - Estudo de caso ilustrativo

> "Aí está toda questão, pois o sujeito bem sabe que, quaisquer que sejam seus apetites, quaisquer que sejam suas necessidades, nenhum encontrará satisfação alí, senão, no máximo, a de organizar o seu menu"..
>
> (Lacan, 1964, (31) p. 254)

No âmago da Psicanálise, a singularidade de cada sujeito, impossível de ser quantificada, medida ou comparada. No âmago de todo sujeito, uma verdade "esquecida", uma página virada, um desejo insistente.

No dia-a-dia da clínica, o sujeito que se revela e se esconde por meio de seus sonhos, contos e jogos, tornando única e intraduzível a experiência da análise.

Seria *um* caso representativo o bastante para dar conta de todas as hipóteses e constatações que o campo clínico suscita?! Certamente que não. Por quê, então, um caso? Por quê *esse* caso?!

Se no acaso acreditássemos, provavelmente a ele atribuiríamos a escolha desse caso. Mas, impossível agora ceder a essa tentação.

Sendo assim, ir buscar no próprio caso o principal motivo que o trouxe até aqui - um menino especialmente interessante e perspicaz, que se utiliza de diferentes jogos para falar de suas questões, questionando também a minha própria posição como analista.

Resistência (minha) ou insistência (dele), tal menino solicitava durante toda sua análise que temas como o manejo, a função e a ética da psicanálise com crianças fossem constantemente considerados e revistos.

Portanto, se guarda esse caso a sua especificidade enquanto um trecho da análise de *um* sujeito, serve, de outro modo, como rica ilustração do material que venho pesquisando teoricamente, metaforizando dúvidas e descobertas dessa difícil (e fascinante) tarefa de atender crianças em análise.

K. tem 07 anos quando me é trazido pela primeira vez. Sua mãe encontra-se muito aflita pois K. não consegue aprender nada na escola e "só pensa o tempo todo em *botar fogo* em tudo o que vê pela frente".

Logo de início a mãe relata as duas vezes em que K. "esqueceu" fósforos acesos no quarto onde dormem, causando sérios problemas.

"Agressividade" e "incapacidade para aprender" eram as principais queixas não só da mãe como também da escola, onde K. repetia a mesma série (C.A.) pela terceira vez.

Desde a primeira entrevista, K. fala do "Botafogo", referindo-se ora ao time do qual é torcedor convicto ora ao bairro onde mora. Além disso, também "é fogo" a maneira que ele fica quando encontra sua "namorada".

- "Ela me bota um fogo!", era o que K. repetia com freqüência nessa ocasião.

A palavra "fogo"; apontando para algo da ordem da repetição inconsciente, chama atenção por sua insistência, tanto na fala de K. como na de sua mãe.

Se a princípio, ainda não era possível perceber a que cadeia associativa tal significante encontrava-se ligado, será no próprio decorrer de sua análise que K. irá contextualizando-o ao tema da morte e da destruição,"onde nada sobra".

Filho por acaso, K. foi concebido por uma "mulher fogosa" e um "homem sério e de poucas palavras, depois de três ou quatro drinques na mesa de um bar".

A gravidez de K. se daria, então, de modo tenso e tumultuado, quando o desejo da mãe era, desde o início, o de realizar um aborto o mais rápido possível, "para que o pai não ficasse nem sabendo que K. existiu".

Entre uma intenção de aborto e outra, nasce K., alienado ao desejo materno de que ele morresse ou que,no máximo,dela jamais se separasse (já que ele não a teria satisfeito com sua morte).

A K. é dito,desde sempre,o quanto a sua existência atrapalha sua mãe, que se lamenta de todas as oportunidades (de trabalho, de casamento, etc.) que acredita ter perdido por causa dele, e que "*certamente*" teria conseguido "se ele não tivesse vingado".

Nesse campo de muitos ditos (da mãe) e pouco interdito (do pai), encontra-se K. imerso. Será o fogo, então, sua única possibilidade de representação da morte?! Ou da vida?

Bem, da minha parte, o desejo de atendê-lo e a suposição de que a análise de uma criança, por mais que se realize através de jogos e brincadeiras, deve sempre ser conduzida de maneira séria e cuidadosa.

Tal suposição relaciona-se à consideração de que toda "brincadeira" de uma criança em análise é coisa séria, seríssima, que coloca em série o deslizar de seu desejo, dando forma a seu discurso.

De material disponível, papel, lápis (preto e de cor), borracha, apontador e massa colorida.

Se a princípio, K. parecia não compreender exatamente o que vinha fazer ali, aos poucos passa a reclamar da falta de material. "Aqui não dá nem prá *brincar* direito" - sempre dizia.

Ao ser perguntado o que era "brincar direito", K. foi passando da queixa pela ausência de material variado à constatação de que nunca havia "brincado de verdade", pois não conseguia obedecer a nenhuma regra combinada.

- "Os meninos lá da rua sempre dizem que eu não sei brincar direito porque eu nunca *lembro* do jogo. Mas também eu não quero nem saber".

É interessante observar que a reclamação pela 'falta de material vai se tornando uma questão para K., onde a sua falta de respeito às regras é que vai sendo colocada em jogo.

K. às vezes desenha e, ao falar sobre esses desenhos, conta estórias de incêndios e terremotos, quando "nada sobra".

Nas entrevistas com a mãe, ela reclama que K. "devora tudo o que vê pela frente".

- "Se lhe der um saco de balas, ele não para de comer enquanto não chupar a última bala".

Estaria também a "incontrolável" voracidade de K. articulada ao significante "fogo" e sua arrasadora destruição? Acredito que sim, pois, afinal, nada mais voraz que o fogo queimando.

Por tudo isso, a importância de que o material não fosse reposto constantemente. Faço-o saber dessa decisão, o que deixa-o preocupado em não usar "tudo de uma vèz".

- "É, então tenho que deixar para depois, se não vai faltar".

Com o desenrolar de sua análise, K. começa a trazer de casa jogos de regras bem definidas e claras, solicitando que eu as lesse em voz alta.

De novo, destaco a importância da "falta do material", possibilitando que a criança solicite-o ou traga à análise o que ela desejar.

Nessa ocasião, parece difícil a K. lembrar das regras do jogo bem como admitir perder qualquer partida.

Passa, então, além de trazer alguns jogos, a inventar

outros, fazendo questão de escrever detalhadamente todas as regras, "para que não esquecêssemos".

Ressalto aqui a importância de jogar a sério com K., quer ele perdesse ou ganhasse.

Vários e vários jogos não foram finalizados, pois eram interrompidos logo que K. percebia que não seria o vencedor daquela vez.

K. ficava muito zangado com isso e tinha "ataques de raiva", quando ele "*quase*" não conseguia se controlar.

- "Não posso perder nunca. Foi o que a minha mãe me disse".

Dentre todos os jogos trazidos ou criados por K., destaco os seguintes, por serem representativos de dois momentos muito especiais em sua análise.

- numa das sessões, K. traz um jogo novo (que havia ganho do namorado de sua mãe), pedindo para que eu lhe explicasse como deveria ser jogado.

O nome do jogo: "Cada coisa em seu lugar".

Ao lermos juntos as regras, percebemos que cada jogador ficaria com duas ou mais cartelas, que deveriam ser completadas o mais rapidamente possível. Aquele que as completasse primeiro, ganharia o jogo[1].

---

1 Nas cartelas, encontravam-se ilustradas as diferentes profissões, enquanto que nos cartões, os diferentes instrumentos utilizados em tais profissões.
(Exemplo: jardineiro - regador)

Interessante notar que, apesar da proposta central do jogo ser a de *completar* algo que encontra incompleto, K. não se aborrece mais em não ganhar *todas* as partidas, ainda que saísse sempre dizendo que não iria "sobrar nada prá você na próxima vez".

Traz esse mesmo jogo em diversas sessões, sendo que por algumas vezes deixa-o de lado, preferindo *construir* bonecos de massa que são sempre "super-heróis" imbatíveis e extremamente poderosos. Tais super-heróis nunca perdem luta alguma, sendo o empate o máximo que acontece entre eles.

Aos poucos, K. passa a dividí-los entre "os heróis do bem e os do mal". Com isso, os heróis *perdem* a garantia de ganhar sempre, tornando impossível que o resultado do jogo fosse conhecido de antemão.

Poderíamos pensar que agora, ao começar a colocar "cada coisa em seu lugar", K. pode reconhecer e suportar o importante jogo de oposição entre ganhar e perder, acedendo assim ao campo simbólico estruturante.

- um segundo jogo que considero de especial importância na análise de K. é o das *bolas de g(r)ude*.

Em certa ocasião, K. começa a trazer bolas de gude para me "ensinar a jogar".

Mas, se por um lado era ele mesmo quem descrevia as regras do jogo, jamais se lembrava o que havia sido combinado.

Tal fato levou-me a sugerir que escrevêssemos regras do jogo (sugestão feita por ele próprio anteriormente), pois

formulá-las apenas verbalmente não estava sendo suficiente. A força da escrita se impunha então.

K. reclamava que eu não conseguia "aprender direito" e ele acabava ganhando sempre.

-"Para você treinar nos dias em que eu não estiver aqui", com essa justificativa, K. passa a deixar no consultório pelo menos uma bola de gude a cada sessão.

Parece ser esse exatamente o ponto mais relevante do jogo das bolas de gude, pois, através da alternância entre levar e deixar as bolas, irá instituir-se um interessante jogo simbólico, para além do jogo propriamente dito.

Ora K. deixa uma bola, ora leva quase todas, às vezes "esquece" de trazê-las para a sessão. Enfim, começa a brincar de se separar e se (re) encontrar com seus objetos, sem *morrer* de angústia por isso.

Numa das sessões, K. toma a difícil decisão de deixar no consultório a bola de gude "de ferro", segundo ele, a mais poderosa e imbatível de todas.

- "Quem tem essa bola de gude não perde nunca".

É interessante notar que K., após ter se separado da infalível bola de ferro, passa verdadeiramente a *falar*, falhando em suas palavras.

Um ato falho cometido por ele nessa ocasião é perfeitamente bem sucedido ao revelar o quanto do tema da alie

nação-separação encontrava-se aí em jogo.

- "É, agora você já está aprendendo a jogar bolas de g(r)ude, diz ele numa das sessões".

"De g(r)ude?!"-Eu exclamo, ao que K. imediatamente associa:

- "Olha só, ontem também, quando minha mãe ia saindo com o P. (namorado dela), eu queria dizer uma coisa e acabei falando outra".

"Como assim?!" Eu pergunto.

- "Ao invés de eu dizer prá ela me trazer um chocolate da rua, eu disse prá ela me *levar*.

Mas a minha memória é muito boa; por que agora eu ando trocando tudo?!"

Intrigado pelo desconhecimento de si próprio, K. se atrapalha com esse e outros constantes atos falhos que se repetem então, deixando claro que não é de uma falha de memória que se trata.

Obviamente, a partir daí, uma série de novos caminhos associativos puderam ser percorridos e, cada vez mais, K. tornava-se intrigado e falante.

Seria totalmente impossível resumir aqui os quase cinco anos de trabalho com K., repletos de peculiaridades e surpresas cotidianas.

No entanto, espero que essa breve ilustração da anã

lise de K. tenha sido suficiente para chamar nossa atenção, enquanto analistas, para esse outro jogo (simbólico) que parece se estabelecer sempre, para além do simples e puro brincar de uma criança em análise.

A mãe de K., em busca de uma família que lhe ajudasse a criá-lo, decide voltar para seu estado de origem, de onde havia saído antes do nascimento dele.

Interrompe-se, assim, a análise de K. que sai dizendo numa de suas últimas sessões:

- "Eu já cresci bastante, mas a minha mãe *ainda* manda em mim".

Por fim, K. propõe o jogo da memória, utilizando figurinhas repetidas de um álbum que estava tentando *completar*. Segundo ele, esse jogo consiste em "juntar peças que estão separadas, se bem que nunca fica totalmente perfeito".

> "Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida, nem portanto corretamente aplicada, se se desconhece os conceitos que a fundam. Nossa tarefa será de demonstrar que esses conceitos não tomam seu sentido pleno senão ao se orientarem num campo de linguagem, senão ao se ordenarem à função da fala".
>
> (Lacan, 1953, (27) p.111)

JOG-A-DOR

Jogar o jogo
Rodar
    a bola, o balão e o pião
Roda-pião, bambeia...
Jogar o jogo,
Falar
    a canção mais bonita, diga àquilo que
                vá e volte
Jogar
e rodar a vida
como uma canção bem-dita
como num laço de fita.
Jogar o jogo da roda da vida
Vida que roda prá lá e prá cá
Como esse jogo a falar...

...Falar e escutar a vida, o jogo, o
                novo.
De novo,
Escutar na criança
                a vida que fala.

Letícia Nobre

CONCLUSÕES

Mais do que concluir, prosseguir.

Tal qual uma criança curiosa, incansável em suas buscas e descobertas, prosseguir percorrendo um sempre desconhecido caminho, em se tratando de tomar o desejo inconsciente como sua fonte inesgotável.

Des-conhecer para reconhecer a impossibilidade de sabê-lo todo. E, por isso mesmo, seguir, prosseguir em busca de novos significantes que possam ser criados durante o próprio percurso.

Destinar à clínica psicanalítica com crianças a função de causa desse trabalho, ponto de partida de minhas buscas, destino de meus achados, e me reconhecer na expectativa de que as considerações aqui apresentadas transcendam os limites das prateleiras acadêmicas, servindo a questionamentos, revisões e mesmo a novos trabalhos, que certamente muito enriquecerão a discussão do tema como um todo.

Abrir mão do sossego de conclusões definitivas e me lançar à aventura de pensar, duvidar e, especialmente, me surpreender. Arriscar no jogo, apostar.

Se, a princípio, a questão aqui original se constituiria em relação ao uso ou não de material lúdico na análise com crianças, seria esta progressivamente deslocada de seu lugar de destaque, à medida que novos estudos iam sendo realizados. A estrutura do campo simbólico e o jogo que é aí insti

tuído se afirmariam, então, como o mais fértil e interessante terreno onde iriam se concentrar minhas pesquisas.

Assim, ao estudar o jogo da constituição não só do sujeito como também do objeto (que como sabemos, são correlativos, ainda que diferenciados), fui constatando a importância de localizar no próprio jogo da análise, quer seja, na transferência - o ponto central desse trabalho.

Jogo da análise, jogo na análise. Brincar ou não brincar? Brincar e não falar? Brincar para falar? Eis aí as mais importantes questões.

Com Lacan, aprenderíamos:

> "... pelo simples fato do diálogo, por mais cego que seja, não existe puro jogo do acaso, porém já articulação de uma fala com outra. Esta fala está inclusa no fato de que, mesmo para o sujeito que joga sozinho, seu jogo só tem sentido se ele anunciar previamente o que ele pensa que vai sair. Porém, do ponto de vista da fala não se joga sozinho..." (1954-5, (37) p. 242)

Reconhecer a criança, então, como um sujeito apto a falar e jogar em análise, que só terá acesso ao jogo transferencial, à medida que esse reconhecimento se dê e ela própria possa supor no analista um saber sobre si, discriminado e independente do saber que os pais (ou qualquer outro que haja demandado sua análise) tenham suposto a princípio.

Essa passagem - de falada a falante - é fundamental não só à entrada, como a todo o percurso que a criança venha a traçar em sua análise.

Por fim, um outro menino - o terceiro - que viria ilustrar expressivamente as considerações finais desse trabalho, contribuindo para reafirmar uma vez mais o caráter simbólico que reveste sempre (e que está aí para ser escutado transferencialmente) toda e qualquer produção de um sujeito (criança ou não) em análise.

Tendo interrompido duas tentativas anteriores de atendimento, S. parece bastante cauteloso frente à proposta do pai de que uma nova tentativa fosse realizada.

É o seguinte o modo com que se expressa, por ocasião da primeira entrevista que o pai iria ter comigo:

- "Pai, vai lá, olha bem prá ela, vê se você gosta e depois, me conta, para resolver se eu vou. Não marca logo hora prá mim".

Marcado por uma triste estória da morte da mãe aos quatro anos de idade, esse menino (de agora sete anos) apresenta, como o próprio pai relata, uma enorme dificuldade e desconfiança em se ligar a novas pessoas, "pois sempre acha que irá perdê-las".

Mesmo assim, S. passa, pouco a pouco, a comparecer às entrevistas com maior freqüência, escolhendo, então, desenhar ou contar estórias (tais como a do lobo mau e a do patinho feio).

A certa altura, o pai pede para falar comigo, avisando que S. se queixara a ele da inexistência de um baralho no

consultório, impedindo que jogássemos juntos. Esta falta estaria, segundo o pai, lhe fazendo desistir de continuar vindo às entrevistas.

De novo, a questão do jogo (simbólico) e do objeto (e sua falta) retorna, fazendo pensar a mim enquanto analista, fazendo pensar o menino em continuar ou desistir em sua terceira tentativa de análise.

Garantindo ao menino que a ausência de material não impediria de modo algum que ele próprio trouxesse o que escolhesse ou que jogássemos juntos, opto por manter a posição (e o risco) de não preencher essa tão significativa "falta do baralho". Preocupava-me, obviamente, apontar para algo do campo simbólico que parecia estar aí se inscrevendo.

Instaura-se, assim, o que considero ser o primeiro pedido exclusivamente de S. em relação à análise: "Vamos jogar?", é o que esse menino me pergunta desde então, a cada início de uma nova entrevista, parecendo querer reafirmar seu próprio desejo de estar alí.

Portador do baralho do pai, S. sugere variados jogos de cartas, demonstrando uma especial habilidade no "crapô" (forma simplificada do bridge, onde "todas as cartas estão sobre a mesa").

De partida em partida, S. parece agora ir desistindo de partir, e se dispondo a entrar no jogo da análise, que vai sendo estabelecido a partir do jogo de cartas.

Numa das vezes, S. "esquece" o tão precioso baralho

do pai, ao que ele se (me) interroga: *E agora?*

Demonstra, assim, o que parece se constituir numa nova confirmação de seu pedido de análise - resolve, a partir do "esquecimento" do empréstimo paterno, construir o seu próprio baralho, "para que nunca mais tivesse o perigo de esquecer". Papel, lápis, hidrocor - ferramentas suficientes para que um novo baralho fosse rapidamente construído e o jogo (simbólico) entre nós não fosse então interrompido.

Três meninos, três estórias - flashes de suas análises, incomparáveis em termos da singularidade e da direção do trabalho clínico tomada com cada um deles.

Três meninos, três estórias - âncoras desse trabalho que se constrói ao estabelecer pontos comuns entre eles.

Três meninos, infinitas estórias.

Infinitas estórias...

E agora?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 - ABERASTURY. A. Psicanálise da Criança. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

2 - BARTHES, R. Fragmentos de um Discurso Amoroso. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

3 - BRAZIL, C.N.V. O Jogo e a Constituição do Sujeito na Dialética Social. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1988.

4 - DOR, J. Introdução à leitura de Lacan. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

5 - FREUD, A. O Tratamento Psicanalítico de Crianças. Rio de Janeiro, Imago, 1971.

6 - FREUD, S. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (ESB), Rio de Janeiro, Imago, 1976 - 24 vol.

7 - ——. "A Interpretação dos Sonhos" (1900) In: ESB, RJ, Imago, 1976, Vol. V.

8 - ——. "Escritores Criativos e Devaneio" (1908 (1907)) In: ESB, RJ, Imago, 1976. Vol. IX.

9 - ——. "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos - "O Pequeno Hans" (1909) In: ESB, RJ, Imago, 1976. Vol. X.

10 - FREUD, S. "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental" (1911) In: ESB, RJ, 1976, Vol.XII.

11 - ——. "A Dinâmica da transferência" (1912) In: ESB, RJ, Imago, 1976. Vol. XII.

12 - ——. "Recomendações aos Médicos que exercem a psicanálise" (1912) In: ESB, RJ, Imago, 1976. Vol. XII.

13 - ——. "Sobre o Início do Tratamento" (1913) In: ESB,RJ, Imago, 1976. Vol. XII.

14 - ——. "Recordar, Repetir e Elaborar" (1914) In: ESB, RJ, Imago, 1976. Vol. XII.

15 - ——. "Observações sobre o amor transferencial" (1915 (1914)) In: ESB, Imago, 1976. Vol. XII.

16 - ——. "Transferência" nas "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise" (1916-1917 (1915-1917)) In: ESB, Imago, 1976, Vol. XVI.

17 - ——. "Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise" (1917) In: ESB, Imago, 1976. Vol. XVII.

18 - ——. "Além do Princípio do Prazer" (1920) In: ESB, Imago, 1976. Vol. XVIII.

19 - ——. "A Negativa" (1925) In: ESB, Imago, 1976.Vol. XIX.

20 - ——. "Análise Terminável e Interminável" (1937) In: ESB, Imago, 1976. Vol. XXII.

21 - ——. "Construções em Análise" (1937) In: ESB, Imago, 1976. Vol. XXIII.

22 - GARCIA.ROZA, L.A. Freud e o Inconsciente. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

23 - HUIZINGA, J. Homo Ludens - O Jogo como Elemento da Cultura. São Paulo, Perspectiva, 1980.

24 - KLEIN, M. et HEIMANN, P. Novas Tendências na Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

25 - ——. Contribuições à Psicanálise. São Paulo,Mestre Jou, 1970.

26 - ——. Psicanálise da Criança. São Paulo, Mestre Jou,1981.

27 - LACAN, J. "Função de Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise" (1953) In: Escritos, Perspectiva, São Paulo, 1978.

28 - ——. "A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud" (1957) In: Escritos, Perspectiva, São Paulo, 1978.

29 - ——. O Seminário - Os Escritos Técnicos de Freud - Livro 1 (1953-1954). Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

30 - ——. O Seminário - O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise - Livro 2 (1954-1955). Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

31 - ——. O Seminário. Os Quatro Conceitos Fundamentais - Livro 11 (1964). Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

32 - LAURENT, E. Concepciones de la Cura en Psicoanalisis. Buenos Aires, Manantial, 1984.

33 - MANONNI, M. A Teoria como Ficção. Rio de Janeiro, Campus, 1982.

34 - ——. A Criança, sua "doença" e o outros. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

35 - MILLER, J.A. Percurso de Lacan. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

36 - SENA, A.B. e outros. Correio do Simpósio - Simpósio do Campo Freudiano. Ano 1 - nº 2. Belo Horizonte, Copiadora Brasileira, 1987.

37 - ——. O Objeto e as Estruturas Clínicas - VIas Jornadas de Trabalho do Simpósio do Campo Freudiano. Belo Horizonte, Copiadora Brasileira, 1989.

38 - VIDAL, E. e outros. A Transferência - 1º Seminário Lacaniano. Letra Freudiana - Escola, Psicanálise e Transmissão. Rio de Janeiro, Tavares e Tristão, 1988.

39 - WINNICOTT, D.W. O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

40 - ——. A Família e o Desenvolvimento do Indivíduo. Belo Horizonte, Interlivros, 1980.

41 - ——. Textos Selecionados: Da Pediatria à Psicanálise. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

42 - ——. The Piggle: Relato do Tratamento Psicanalítico de de uma menina. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

43 - WINNICOTT, D.W. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

(MODELO)

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Profa. Maria Helena Novaes Mira
- Orientadora -
PUC/RJ

Prof. José otávio de Vasconcelos Naves
PUC/RJ

Profa. Circe Navarro Vital Brasil
PUC/RJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 23 de Janeiro de 1990

Coordenador dos programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas